

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 26

Data: 03/03/77

Pg.: \_\_\_\_\_

## Gaviões são contra a emancipação total

ECF. 3-3-77

Do correspondente de  
BELÉM

Os índios gaviões, a primeira comunidade indígena que obteve um empréstimo do Banco do Brasil e que é considerada por alguns indigenistas uma das que tem melhores condições de conviver em igualdade com os brancos, enviaram esta semana uma fita, gravada em sua própria aldeia localizada no município de Marabá, no Pará, ao presidente da Funai na qual dizem considerar prematura a emancipação definitiva da tribo da tutela do órgão. Na gravação, os índios ressaltam, porém, que querem autonomia total na condução das suas atividades econômicas, na utilização e disponibilidade das terras que possuem.

Krokrenum, chefe da tribo, e Kutia, uma espécie de administrador dos negócios dos gaviões, decidiram fazer a gravação em consequência das recentes declarações do ministro do Interior, Rangel Reis, sobre a emancipação dos grupos tribais da tutela da Funai. Com essa manifestação, os gaviões quiseram antecipar-se a qualquer movimento que provocasse sua integração definitiva à sociedade.

Os gaviões estão num estágio avançado de aculturação e passaram a comercializar por seus próprios meios, a safra de castanha (três mil hectolitros este ano), o que antes era feito pela Funai. Mas, exatamente a crescente consciência de seus direitos fez com que os índios considerassem prematura a emancipação. "Ainda estamos nos preparando para uma convivência em igualdade com os brancos e precisamos da Funai para nos fornecer medicamentos, escolas, nos ensinar e nos orientar", explica Kutia. Mas, acres-

centa: "a Funai deve nos ajudar, mas não pode ser como um nosso patrão".

As declarações do ministro impressionaram tanto os gaviões, que o chefe Krokrenum decidiu não participar de uma solenidade que havia sido marcada há algum tempo em Brasília e na qual seria feita a assinatura oficial do empréstimo feito pelo Banco do Brasil à tribo, temendo que ela servisse à campanha de emancipação defendida pelas autoridades. Na fita enviada a Funai, os índios apresentam quatro motivos para a ausência de seu chefe:

1 — O empréstimo foi acertado diretamente com o gerente da agência do Banco do Brasil em Marabá, após uma sugestão feita por um fazendeiro que no ano anterior emprestara dinheiro aos índios. A participação da Funai se limitou a autorizar o chefe do posto, Saulo Petean, a assinar junto com eles o empréstimo (condição indispensável para sua realização uma vez que os índios são tutelados). Seria uma transação normal à qual os índios haviam recorrido pela primeira vez para complementar o financiamento da safra de castanha e adquirir um pequeno caminhão Toyota. Como o dinheiro demorou, eles saldaram todos os compromissos da safra com seus próprios recursos. Por isso, ficaram surpreendidos com as dimensões que o Ministério do Interior deu à assinatura do empréstimo.

2 — Os índios dizem que essa inesperada importância preocupou-os, justamente porque nessa ocasião o ministro Rangel Reis declarava ser necessário começar a emancipar alguns grupos tribais do país. Temendo que a solenidade em Brasília estivesse relacionada não somente com o empréstimo e que pudesse ser usada como argumento a

favor da emancipação, ou ainda que Krokrenum fosse levado a assinar algum termo de compromisso, eles decidiram não comparecer. Essas suspeitas eram reforçadas pelo fato de que por ordem da Funai, apenas o chefe deveria comparecer a Brasília.

3 — Outra reclamação dos índios: a forma como foi decidida a participação de seu chefe. Na véspera, a Funai ordenou através de rádio, que Krokrenum deveria ir a Marabá para apanhar um avião que o levaria a Brasília. "Índio não é funcionário da Funai. Índio pode ser convidado, mas não mandado", ressaltaram os gaviões.

4 — Os índios também não gostaram da Funai ter dado a ordem através da delegacia de Belém, com a qual não mantém, no momento, relações cordiais.

Krokrenum lamentou não ter comparecido à solenidade "apenas porque afeta o general Ismarth de quem somos amigos" e disse que se fosse só com ele, teria ido. Quanto ao empréstimo os índios acabaram assinando na semana passada, em Marabá, sem qualquer solenidade, mas os 200 mil cruzeiros ainda não foram retirados porque "a safra já está indo bem".